

## **Tramas do Projeto Ponto Firme: vulnerabilidade social e transversalidade em design**

**Mayã Guimarães Isidoro (UAM, Brasil)**  
mayaguimaraes.95@gmail.com

**Cristiane Mesquita (UAM, Brasil)**  
cristiane.mesquita@ulife.com.br

## Tramas do Projeto Ponto Firme: vulnerabilidade social e transversalidade em design

**Resumo:** Este artigo aborda transversalidades no campo do design com foco na atuação de designers como facilitadores na busca por soluções coletivas em projetos com a participação de grupos ou comunidades socialmente vulneráveis. Por meio de uma investigação sobre os processos do Projeto Ponto Firme, essas relações são discutidas de acordo com premissas da estrutura de análise Design Justice e com os conceitos de autonomia e de “design autônomo” na obra do antropólogo Arturo Escobar. A investigação sobre o Ponto Firme deriva de uma pesquisa documental e de campo, com destaque para o documentário O Ponto Firme (2020), dirigido pela cineasta Laura Artigas. O intuito do artigo é enfatizar possibilidades em torno de processos menos hierarquizados e mais permeáveis a saberes informais no campo do design, com enfoque na participação de grupos socialmente vulneráveis, de forma que os conhecimentos do designer não se sobreponham às práticas e saberes de outros integrantes de um projeto.

**Palavras-chave:** design, transversalidade, autonomia, Projeto Ponto Firme.

## *Stitches on Ponto Firme Project: social vulnerability and transversality in design*

**Abstract:** *This article approaches transversalities in the field of design, focusing on the performance of designers as facilitators in the search for collective solutions in projects involving socially vulnerable groups or communities. Through an investigation into the processes of the Ponto Firme Project, these connections are discussed in accordance with the premises of the Design Justice analysis structure and with the concepts of autonomía and autonomous design, according to the work of anthropologist Arturo Escobar. The investigation into Ponto Firme derives from documentary and field research, with emphasis on the documentary film O Ponto Firme (2020), directed by Laura Artigas. The purpose of the article is to emphasize possibilities on less hierarchical processes that are also more permeable to informal knowledge in the field of design, focusing on the participation of socially vulnerable groups so that the designer's knowledge does not overlap with the practices and knowledge of other members of a project.*

**Keywords:** *design, transversality, autonomía, Projeto Ponto Firme.*

## 1. Introdução

As fronteiras do campo do design não são as mais nítidas ao delimitar suas abrangências, tampouco ao conceituar os fazeres de designers. Tamanha imprecisão de limites acompanha a área desde sua gênese, derivada da arte e do artesanato – um fazer manual na maior parte das vezes – e do desenvolvimento da chamada sociedade industrial, que levou à ampliação do trabalho mecanizado (CARDOSO, 2000). Guardadas as devidas nuances, é possível considerar que as diferenças culturais, sociais, políticas e econômicas de cada região do mundo resultaram no crescimento do design mais ou menos ligado à indústria e/ou ao artesanato, de acordo com fatores locais (BORGES, 2011). Nesse sentido, vale ressaltar que a contribuição dessas áreas na constituição do campo do design é indissociável.

Nas palavras de Niemeyer (2007), a história da produção de cultura material brasileira tem início com o artesanato indígena. Entretanto, conforme a colonização portuguesa avançou – e com ela uma estrutura econômica escravista – as atividades de manufatura no Brasil perderam espaço para atividades de agropecuária e extrativismo. As consequências desta configuração se fazem presentes nos desdobramentos das atividades de produção de objeto nacionais, como abordado por Borges (2011), que destaca que o Brasil seguiu o caminho oposto de países como a Itália, o Japão e países escandinavos, os quais buscaram no artesanato a base para o desenvolvimento de seu design erudito e industrial. Segundo a autora, por aqui essas atividades sempre foram consideradas como partes de “mundos separados” (Idem, p. 31), já que o desenvolvimento do design nacional parte de uma ruptura com saberes tradicionais.

Ao subestimar saberes não institucionalizados e dominantes, o design brasileiro assume um perfil técnico-cientificista que desconsidera conhecimentos e práticas vindos de grupos cultural e socialmente desvalorizados. Essa abordagem desestimulou por muitas décadas projetos que contemplassem necessidades e particularidades destes grupos, tornando o campo do design um operador e mantenedor da hegemonia colonialista.

A defesa de que um design socialmente orientado deve estar disposto a reconhecer os saberes e modos de ser e de produzir de grupos invisibilizados, silenciados ou socialmente desvalorizados integra o pensamento do antropólogo colombiano-americano Arturo Escobar (2018), que associa esta disposição àquilo que chama de “design autônomo”, cujos princípios envolvem a ciência de que todas as pessoas são praticantes de seus próprios conhecimentos. Além disso, Escobar propõe que o designer deve tentar entender pessoas e realidades com as quais trabalha, para além de compreender desejos de consumo. Para tanto, argumenta que toda comunidade pratica

uma espécie de “design de si própria” em suas relações e construções, exercendo um “design natural” (ESCOBAR, 2018) independente de conhecimentos especializados, ou seja, produzindo “autonomia”. A pesquisadora Raquel Noronha (2017) amplifica ainda a ideia do “design natural” ao conceituá-lo como “design orgânico” para definir a atuação de todos aqueles que agem ativamente na criação de soluções para os problemas da própria existência, sem depender de conhecimentos específicos em design.

Ao questionar o ideal de desenvolvimento que concentra nas grandes potências hegemônicas o poder e decisões que afetam todas as camadas da sociedade e exclui a participação de grupos afetados, Escobar (2018) discorre sobre o conceito de *autonomía*<sup>1</sup>, um modo de existência social no qual uma comunidade se relaciona com outras comunidades e com o Estado sem renunciar às suas próprias formas de relacionamento interno e com o ambiente, às suas formas de produção e às suas regras, tomando para si a regulação das áreas da vida comunitária, em especial aquelas que foram colonizadas. É com base neste conceito que Escobar propõe os princípios do “design autônomo”, uma prática com comunidades que tem por objetivo contribuir com suas realizações em sintonia com suas formas de vida e de existência, consideradas em sua singularidade.

A busca por atuações mais abrangentes sobre problemas para os quais o design procura oferecer alternativas pode encontrar caminhos por meio da ótica da transversalidade (GUATTARI, 1981). O conceito pode ser entendido como um terceiro eixo que opera além da verticalidade hierárquica e da horizontalidade homogeneizadora, do qual as barreiras disciplinares e institucionais não fazem parte e no qual se pode experimentar a dimensão de coletivo (KASTRUP; PASSOS, 2013). O pensamento transversal permite que o design desenvolva capacidades mais consistentes e coletivistas de compreensão, diálogo e solução em relação a problemas complexos ao aliar-se com outros saberes e processos, priorizando práticas que não desconsiderem o emaranhado de condições sociais, econômicas, ambientais, tecnológicas e culturais que contextualizam uma determinada situação.

Partindo dessas considerações, este artigo investiga por meio de uma pesquisa documental e de experiências em campo, a atuação de um projeto em design desenvolvido junto a um grupo socialmente vulnerável, por meio de práticas não-verticalizadas. Trata-se do *Projeto Ponto Firme*, fundado pelo designer de moda pernambucano Gustavo Silvestre, voltado para a população carcerária. É um recorte da pesquisa de Mestrado *Transversalidade*

1 O conceito de *autonomía* é abordado neste texto por meio da grafia original, em espanhol, para que não seja confundido com outros usos do termo.

em *Design de Moda e Artesanato: Tramas do Projeto Ponto Firme*<sup>2</sup>, que, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de campo, buscou suporte nos parâmetros de *autonomía*, design autônomo e transversalidade, bem como nas premissas do *Design Justice*, para discutir duas hipóteses. A primeira, diz respeito à atuação conjunta dos campos do design e do artesanato, por meio de processos desobrigados de fronteiras disciplinares ou institucionais, na busca por brechas pelas quais se possa escapar, ainda que parcialmente, dos modos hegemônicos de produção. O recorte escolhido para este artigo enfatiza a segunda hipótese, que discute a atuação de designers como facilitadores, na busca por soluções coletivas que priorizem necessidades de um determinado grupo, acima de expectativas profissionais individuais, ao desenvolverem projetos com a participação de grupos ou comunidades socialmente vulneráveis.

Para tanto, apresenta o *Projeto Ponto Firme* no primeiro tópico. A segunda parte detalha a estrutura do *Design Justice*, cujas premissas operam como critérios de análise. As abordagens iniciais embasam a articulação entre os referenciais teóricos e conceituais com a coleta de dados sobre o *Projeto*. Este recorte visa contribuir com a ampliação de repertório e de iniciativas em design, que tenham como foco a atuação conjunta com indivíduos ou grupos socialmente preteridos.

## **2. Tramas do Projeto Ponto Firme: crochê na prisão**

O *Ponto Firme* foi criado e segue sendo dirigido por Gustavo Silvestre (1980), designer, artista, artesão e professor pós-graduado em artes manuais para a educação. Desde que começou a se apresentar em eventos nacionais de moda no início dos anos 2000, Silvestre é reconhecido pela presença de técnicas manuais, como renda e crochê, em suas coleções, e também desde este período o designer afirma que esta relação remonta à memória afetiva ligada ao hábito das mulheres de sua família de praticarem esse tipo de trabalho (PINTO, 2007).

No ano de 2015, Silvestre foi convidado a ministrar algumas aulas de aperfeiçoamento na técnica de crochê para os detentos familiarizados com trabalhos manuais na Penitenciária Desembargador Adriano Marrey, em Guarulhos, região metropolitana de São Paulo/SP (Figuras 1 e 2). Inicialmente, as aulas aconteceriam em poucos encontros pontuais, como oficinas, mas por conta da alta procura entre os detentos e do bom funcionamento da

2 Dissertação de Mestrado. Orientação: Cristiane Mesquita. PPG Design, Universidade Anhembi Morumbi (SP), 2022.

proposta, acabaram se estendendo para um projeto contínuo de capacitação e geração de renda para detentos e egressos do sistema prisional.

No início, a turma era formada por 11 detentos. Desde então, o curso já formou mais de uma centena de alunos e alguns deles, hoje egressos, seguem trabalhando com Gustavo Silvestre em seu ateliê. As peças criadas e produzidas pelos alunos do curso estão em circulação em eventos, exposições e desfiles, desde o primeiro ano.



FIGURA 1. Alunos do Projeto Ponto Firme em aula na Penitenciária Desembargador Adriano Marrey. Fonte: Captura de tela do vídeo “PROJETO PONTO FIRME COM CÍRCULO E GUSTAVO SILVESTRE”, do canal da Círculo s.A. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a7W32x1J01c>>.

Para além dos desdobramentos externos ao ambiente da penitenciária, que são de grande valor para a reconstrução da autoestima dos alunos, bem como para o fortalecimento do projeto e conquista de apoiadores, o *Ponto Firme* tem como objetivo principal ser uma “janela que traz cor e autonomia” (ALONSO, 2018) aos detentos. O designer Gustavo Silvestre afirma ter feito questão de estender as aulas inicialmente planejadas no formato de oficinas pontuais para uma atividade contínua e aproveitar a brecha no sistema prisional, que julga punitivista e pouco efetivo no que diz respeito à recuperação e ressocialização daqueles que passam por ele (SILVESTRE, 2021).

Por meio de um recorte da pesquisa documental, de entrevistas e de observações em campo, este artigo ressalta uma das seis coleções desfiladas pelo *Projeto*, considerada a de maior relevância para as articulações, bem como algumas passagens do documentário *O Ponto Firme* (2020), que retrata o processo de desenvolvimento da primeira coleção lançada pelo *Projeto*. Além disso, serão apresentados alguns fragmentos da entrevista realizada com a cineasta e jornalista Laura Artigas, diretora do documentário, que corroboram as discussões aqui propostas.

A coleção detalhada a seguir, é a primeira apresentada pelo *Ponto Firme*. Foi desfilada em 2018, na 45ª edição da *São Paulo Fashion Week*<sup>3</sup>. Seu processo de desenvolvimento foi registrado no documentário.

### 2.1. Ponto Firme – SPFWN45 (2018)

A coleção de estreia do *Projeto Ponto Firme* foi composta por peças produzidas durante as aulas, desde 2017, sem o intuito de se tornarem propriamente uma coleção. Até então, a produção era voltada para tapetes, toalhas e peças decorativas mais simples, entretanto, a partir do momento em que os alunos aprenderam a ler as receitas de crochê, Silvestre passou a levar revistas de moda para as aulas e os detentos começaram a criar roupas. Ao perceber que já existia um alto volume de peças prontas, o designer buscou formas de expor as peças e de traduzir para os detentos o impacto do trabalho deles, como forma de incentivo e de recuperação da autoestima. A apresentação externa do trabalho na penitenciária levou também à propagação do *Projeto* entre a mídia e potenciais apoiadores, possibilitando seu fortalecimento e expansão (Figuras 2).

Antes da apresentação no evento, aconteceu um primeiro desfile, dentro da Penitenciária Desembargador Adriano Marrey, garantindo que todos os detentos envolvidos pudessem ter contato com a obra completa, tal como ela seria apresentada para o público externo. Silvestre conta que, durante o período de produção das peças, tomou muito cuidado para não interferir no processo de criação dos alunos – “É uma coleção sobre a vida e os desejos deles. [...] E há também as peças mais lúdicas e coloridas, [...], que apontam para a liberdade que eles almejam” (GRAÇA, 2018).

Na ocasião da primeira apresentação pública, apenas um dos alunos já havia ganhado sua liberdade. Anderson Figueiredo, que fez parte do projeto desde o primeiro dia de aula e ainda hoje segue como assistente de Gustavo Silvestre em seu ateliê, fez parte do elenco do desfile (Figura 2). Além dele, uma outra convidada referenciou o contexto prisional, a cantora e ativista baiana Luedji Luna (Figura 2), que apresentou performance na qual recitava um trecho da música *Now Frágil*, que discorre sobre “corpos vedados e carcereiros” (ALONSO, 2018).

A entrada da passarela que recebeu o desfile contou com uma estrutura que aludia a uma cela prisional, coberta por grandes tramas coloridas de crochê. A trilha sonora foi composta por sons metálicos de chaves e de portões, sendo abertos e fechados. Entremeava estrondos com breves trechos

3 São Paulo Fashion Week é a maior semana de moda do Brasil, e acontece com este nome desde 2001. Site oficial: < <https://spfw.com.br/>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2022.



de músicas, cortados de forma brusca, incluindo a introdução de *Diário de Um Detento*, do grupo Racionais mc's, composta por Mano Brown<sup>4</sup> e Josemir Prado, ex-detento sobrevivente do complexo do Carandiru<sup>5</sup> (OSMO, 2018), a qual narra a realidade do encarceramento no Brasil.



FIGURA 2. 2A:Modelo do desfile Ponto Firme (SPFWN45). 2B: Modelo do desfile Ponto Firme (SPFWN45). 2C: Anderson Figueiredo no desfile Ponto Firme (SPFWN45). 2D: A cantora Luedji Luna na passarela do Projeto Ponto Firme na SPFWN45. Fonte: FFW. Foto: Zé Takahashi / Ag. FOTOSITE. Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/ponto-firme/1692875/>>.

- 4 Racionais mc's é um grupo brasileiro de rap fundado em 1988, formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. A obra do grupo explora temáticas como o preconceito, a discriminação racial e o cotidiano na periferia de São Paulo. Informações disponíveis em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo636012/racionais-mc-s>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2023.
- 5 Informações disponíveis em: [https://www.terra.com.br/istoegente/96/reportagem/memorias\\_carcere\\_jocenir.htm](https://www.terra.com.br/istoegente/96/reportagem/memorias_carcere_jocenir.htm)> Acesso em 23 de fevereiro de 2023.





FIGURA 3. Passarela e cenografia do desfile do Projeto Ponto Firme (SPFWN45). Captura de tela do vídeo “PONTO FIRME | DESFILE #SPFW 45” publicado no canal oficial da SPFW no YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-fQMX6Qwgy>>

Durante os nove meses de produção da primeira coleção do *Ponto Firme*, entre 2017 e 2018, a jornalista e cineasta Laura Artigas acompanhou o trabalho de Gustavo Silvestre e de cerca de 20 detentos na Penitenciária Desembargador Adriano Marrey, captando o material que compõe o documentário *O Ponto Firme*<sup>6</sup>, (ARTIGAS, 2018), dirigido por ela. Artigas afirma ter buscado apresentar um registro fiel do cotidiano do projeto, sem interferências, registrando as experiências e os processos dos participantes (YAHN, 2020).

Diferente de outros materiais já publicados sobre o *Projeto*, como entrevistas com o designer fora do ambiente da penitenciária, entre outras matérias de revistas e jornais, que enfocam os resultados do projeto nas apresentações em desfiles, a abordagem do documentário é majoritariamente voltada para a relação entre os detentos, o encarceramento e o aprendizado do crochê, bem como em relatos sobre suas histórias, suas vivências, seus sentimentos e suas expectativas sobre a vida após o cumprimento da pena.

A maior parte das entrevistas com os detentos incluídas no filme, foi realizada por Erik Dutra – um dos detentos participantes do projeto – de

6 Apesar de ainda não estar sendo veiculado comercialmente, o acesso ao documentário foi cedido pela diretora, que também concedeu uma entrevista para a pesquisa, realizada no dia 12 de julho de 2022, na cidade de São Paulo. O filme teve sua pré-estréia na edição comemorativa de 25 anos da SPFW (2020) e exibição na plataforma SPCine Play (2020).

forma que as perguntas realcem a perspectiva de quem está encarcerado e experienciando a participação no projeto. Esta intenção é reforçada por Erik, ao iniciar a primeira entrevista com a fala: “Vamos começar aqui, do ponto de vista do *Ponto Firme*, a partir de um ponto de vista nosso.” (O PONTO, 2018, 25 min.). Mais adiante, Dutra expõe, sua própria relação com o *Projeto*, ao apresentar à diretora alguns painéis do projeto, fixados na parede, e comentar:

E aqui é os projetos [sic] do próximo ano, você vê que o sonho de liberdade é um foco que todos que estão aqui... O principal foco é o sonho de liberdade. Até eu mesmo venho aqui sabendo que aqui já é uma forma de... é uma forma de liberdade. O tempo que eu passo aqui com vocês fazendo crochê, é um tempo em que eu me sinto livre. [...] A cada 12 horas que a gente temos [sic] de curso, a gente ganha um dia, é um dia a menos na pena. Também é muito vantajoso... Um dia ganho aqui, meu Deus, glória a Deus por isso. (O PONTO, 2018, 26 min.)

Por serem expostos de forma direta, sem intervenção externa do designer, da diretora, ou de representantes da hierarquia interna da penitenciária, os relatos das impressões dos participantes sobre o projeto permitem ao espectador uma maior compreensão dos desdobramentos do Ponto Firme, que contemplam outros referenciais que não os priorizados pelo mercado e pela mídia tradicional – ferramentas essenciais na manutenção da hegemonia sistêmica, como, por exemplo, a reconstrução da autoestima dos encarcerados.

Para além das questões diretamente ligadas ao projeto, o filme abre espaço ainda para outros interesses dos detentos, como poesias e músicas escritas por eles ao longo do cumprimento da pena, que acabam por transmitir suas angústias e anseios. Explicitam a visão dos autores sobre a estrutura social hegemônica, que mantém alguns grupos em desvantagem. Em outras ocasiões, é possível perceber que tais sentimentos perpassam suas criações para o *Projeto*, que, muitas vezes, carregam trechos de músicas e outras frases que sintetizam sentimentos de preterimento e, ao mesmo tempo, de esperança. Este sentimento se faz presente, por exemplo, em uma blusa estampada com a frase “Não esqueçam de mim” (Figura 4a), e em uma camiseta bordada com o trecho “Onde estiver, seja lá como for / Tenha fé, porque até no lixão nasce flor” (BROWN, 2002), trecho da música *Vida Loka (parte 1)*, do grupo Racionais MC’s (Figura 4b).



FIGURA 4. 4A:Modelo desfilando com a blusa estampada com a frase “Não esqueçam de mim”. 4B: Modelo desfilando com a camiseta bordada com trecho da música “Vida Loka – Parte I”. Fonte: FFW. Foto: Zé Takahashi / Ag. FOTOSITE. Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/ponto-firme/1692875/>>.

Os registros abordam também a aproximação dos alunos com o processo projetual em design de moda ao longo do desenvolvimento de uma coleção, tornando possível a observação de alguns dos momentos em que a transversalidade entre o design e o artesanato se faz presente de forma não verticalizada, com a colaboração mútua de alunos e designer. Isto se dá tanto no ensino e aprendizado do crochê, quanto com as contribuições na criação das peças. Nestes registros, os alunos aparecem trocando ensinamentos sobre pontos e padronagens; conversando sobre sugestões de acabamentos; projetando estampas em forma de receitas e gráficos, de forma que outros colegas possam reproduzi-las; compartilhando a execução de uma mesma peça; dividindo tarefas de acordo com os prazos pré-estabelecidos para a apresentação final, entre outras atividades.

Por priorizar a perspectiva dos alunos e do cotidiano de aulas, o documentário *O Ponto Firme* complementa as informações públicas veiculadas na mídia sobre o projeto e, portanto, expande a compreensão acerca da

dinâmica projetual da coleção, mas também da dinâmica de relações no *Projeto*, bem como da visão dos participantes sobre a iniciativa. Este recorte colabora para o tópico que se segue, cujo foco é articular as ações do *Ponto Firme* com alguns dos princípios do *Design Justice* – aquelas que emergem como pertinentes para conduzir um olhar para o *Projeto*.

### 3. Design Justice

A forma de pensar e praticar o design que combina os impactos sociais positivos, as soluções em rede, o fortalecimento de comunidades, a valorização de saberes não-disciplinares e o uso dos processos projetuais como facilitadores faz parte dos princípios englobados no termo *Design Justice*,<sup>7</sup> cunhado por uma comunidade homônima de designers, desenvolvedores, jornalistas, líderes comunitários, ativistas e pesquisadores, entre outros profissionais, estabelecida em 2016 durante a *Allied Media Conference* em Detroit, nos Estados Unidos<sup>8</sup>. A autora e integrante da *Design Justice Network*, Sasha Costanza-Shock, responsável pela primeira publicação sobre a comunidade e sobre o termo *Design Justice*, argumenta que, apesar de o design ser responsável por tantas decisões da nossa realidade e ter um impacto enorme em nossas vidas, são poucas as pessoas que têm a oportunidade de participar de seus processos, e que as mais afetadas por essas decisões são as que geralmente menos influenciam em como elas são tomadas (COSTANZA-SHOCK, 2020). Tratando de alternativas para essa realidade, a autora discorre: “O *Design Justice* repensa os processos em design, foca nas pessoas que normalmente ficam à margem dele e usa práticas colaborativas e criativas para lidar com os desafios mais difíceis enfrentados pelas nossas comunidades”. (COSTANZA-SHOCK, 2020, p. 6).

O texto apresenta dez princípios que estão resumidos pelo termo *Design Justice* (Tabela 1), e que são adotados, não somente pelos integrantes oficiais dessa comunidade, mas também por profissionais e organizações que encontram nessas premissas uma forma de trabalhar com a qual se identificam.

7 Em tradução nossa, a expressão *Design Justice* foi definida como “design pela justiça”, já que não se refere exclusivamente a um “design justo”, mas também a ações que visam impactos positivos em outros campos, por meio do design.

8 Informações sobre a rede do *Design Justice* disponíveis em: <https://designjustice.org/>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022.

**Tabela 1. Princípios do Design Justice<sup>9</sup>.**

| Princípios do Design Justice                                                                                                                                                                   |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Usamos o design para manter, curar e fortalecer nossas comunidades, bem como para alcançar a libertação de sistemas exploradores e opressores.                                              |
| 2. Focamos nas vozes daqueles que são diretamente afetados pelos resultados dos processos de design.                                                                                           |
| 3. Priorizamos os impactos comunitários acima dos interesses do designer.                                                                                                                      |
| 4. Enxergamos a mudança como produto de um processo responsável, acessível e colaborativo, não como um ponto no fim de um processo.                                                            |
| 5. Entendemos o papel do designer mais como um facilitador do que como um expert.                                                                                                              |
| 6. Acreditamos que todo mundo é expert em algo de acordo com suas próprias experiências, e que todos temos contribuições brilhantes e únicas para dar a um processo projetual em design.       |
| 7. Compartilhamos o conhecimento e as ferramentas do design com nossas comunidades.                                                                                                            |
| 8. Trabalhamos visando resultados sustentáveis, controlados e com foco comunitário.                                                                                                            |
| 9. Trabalhamos por meio de soluções não-exploradoras que nos reconectem uns aos outros e com a Terra.                                                                                          |
| 10. Antes de pensar em novas soluções em design, procuramos saber o que já existe e funciona comunitariamente. Honramos e exaltamos práticas e conhecimentos tradicionais, locais e indígenas. |

FONTE: COSTANZA-SHOCK, 2020.

A ótica do *Design Justice* foi definida como lente que orientadora das discussões e articulações deste artigo, pois o termo abrange alguns dos desafios mais atuais do design. Sua lista de princípios – definida como um “documento vivo” por Costanza-Shock (2020, p. 6) – se constrói conforme questões sociais, políticas, culturais e econômicas se apresentam. Em outras palavras, à discussão sobre práticas projetuais em design cabe compreender que os desafios enfrentados por designers no desenvolvimento de um projeto são intimamente conectados ao contexto contemporâneo no qual se insere. A partir dos estudos documentais e de campo dedicados ao *Projeto Ponto Firme*, são considerados como parâmetros principais de análise os princípios de número 1, 5, 6 e 7 (conforme ressaltados a no próximo tópico).

#### **4. Entrelaces entre Design Justice e o Projeto Ponto Firme**

Esta investigação vem questionando a dinâmica que coloca um saber institucional acima de outros, tais como os saberes populares ou tradicionais. Vale ressaltar que as questões sobre o conhecimento formal colaboram para discutir a coexistência de conhecimentos e a transversalidade, principalmente

9 Tradução nossa. Texto original da lista de princípios e de assinaturas do *Design Justice Network* disponível em: <<http://designjusticenetwork.org/network-principles>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2022.



em contextos de marginalização, de exclusão social e de grupos socialmente desfavorecidos. No caso de um território marginalizado, por exemplo, em geral as diretrizes são definidas com base em premissas hegemônicas que desconsideram e sufocam experiências por julgá-las menos evoluídas ou errôneas. Outra questão que delineia nossas articulações é o menosprezo em relação a modos de ser, fazer e pensar de determinados grupos e espaços que, desenvolvidos e praticados em acordo com necessidades e possibilidades, são considerados irrelevantes e deixados de lado na proposição de caminhos e soluções.

O grupo do *Ponto Firme* é integrado por sujeitos com diferentes histórias de vida, que se relacionam de forma compulsória e temporária em um espaço institucional que representa o Estado, com regras pré-estabelecidas e supostamente controladas. Entretanto, o *Projeto* pode ser compreendido como um espaço que permite uma noção de comunidade, por meio do interesse comum e dos encontros do grupo. A construção colaborativa de modos de ser e de fazer com contribuições dos participantes é uma fresta de autonomia no contexto de tempo-espaço que subjuga e controla, sob a hierarquia da penitenciária e também no campo social, que coloca encarcerados e egressos em extrema desvantagem de direitos, bem como carregados de estigmas, dos quais dificilmente conseguem se livrar.

Um aspecto interessante a ser mencionado é o fato de o bordado ser genericamente reconhecido como uma prática manual fortemente ligada aos hábitos femininos. Os homens encarcerados – em geral originários e inseridos em ambiente de constante reforço de concepções de gênero fundadas na dicotomia entre masculinidade e feminilidade – também nesta seara, escapam dos caminhos mais comuns, no espaço prisional, pois desobedecem aos preconceitos relativos às atividades consideradas masculinas.

Um outro ponto toca na ressocialização. Os encontros e a dinâmica do *Projeto* compreendem práticas coletivas de design, na concepção, na criação e no processo, que implicam formas diversas da lógica industrial e dos ideais racionalistas de desenvolvimento. Neste caso, priorizam as relações por meio da escuta e do tempo de resposta das pessoas que participam (LADACAST, 2021).

Esta série de constatações acerca dos processos do *Projeto Ponto Firme* abre espaço para articulações com quatro dos parâmetros de *Design Justice* – destacados entre os dez – retomados a seguir.

De forma geral, mas principalmente no que diz respeito a esses quatro parâmetros, o *Design Justice* se mostra como uma estrutura de análise alinhada ao conceito de *autonomia*, quando aplicado a um projeto de design – ou seja, ao que se compreende como design autônomo, aquele que se dispõe

a reconhecer os saberes e modos de ser e produzir de grupos desfavorecidos socialmente, e que trabalha com a noção de que todos são praticantes de seus próprios conhecimentos. Esta é a base para que um designer possa entender os grupos com os quais trabalha. Desta forma, com o suporte do conceito de *autonomía*, apresenta-se na sequência uma breve discussão que realça as práticas do *Ponto Firme* em relação a algumas das premissas do *Design Justice*. Por entender que as bases da quinta e da sétima proposições são complementares e indissociáveis, as duas são discutidas juntas.

*Princípio nº 1. Usamos o design para manter, curar e fortalecer nossas comunidades, bem como para alcançar a libertação de sistemas exploradores e opressores.* O primeiro entre os princípios da estrutura *Design Justice* diz respeito às aplicações do design em prol de comunidades. A defesa de que o *Ponto Firme* acontece como uma brecha em um sistema excludente e rígido, parte de falas dos próprios detentos, elencados ao longo do documentário, tal como a fala de Erik Dutra destacada no item 2.1, que ressalta o “ponto de vista” dos trabalhos. Outras personagens importantes no documentário trazer falas que corroboram. Também a diretora Laura Artigas comenta enxergar o aprendizado do crochê conduzido pelo *Projeto*, como um refúgio para os alunos, que privados de suas liberdades em um ambiente hostil e “muito cinza” conseguem, por meio dessa prática, dar um pouco de dignidade à própria vida (ARTIGAS, 2022). Declarações desse tipo, vindas de pessoas com diferentes vias de participação no *Projeto*, assim como a permanência de egressos na equipe durante anos, levam a crer que o *Ponto Firme* cria um espaço para a autocriação de uma comunidade autônoma, com objetivos comuns, num ambiente que é símbolo do controle do Estado e regido por uma rígida hierarquia.

A recuperação da autoestima – declarada pelos participantes em diferentes momentos do filme – e o desenvolvimento da confiança mútua entre os detentos tende a fortalecer uma trama de relações que permite identificação e criação de soluções coletivas para problemas em comum, além de caminhos e brechas pelas quais a realidade pré-estabelecida ganha alguns escapes. Isto não significa, entretanto, que todos os participantes do projeto seguem a mesma trajetória – possibilidades como a reincidência criminal, a não adaptação ao projeto, o desinteresse, são consideradas por Silvestre e por seus parceiros de trabalho. Artigas defende que as finalidades do *Ponto Firme* não se ligam exclusivamente à capacitação profissional, mas sim ao acolhimento. O *Projeto* possibilita a conexão com um lugar de encontro e de prática, ao qual é possível ir e voltar, dependendo do desejo de cada integrante.

Com o *Projeto Ponto Firme*, Silvestre faz uso dos espaços que conquistou ao longo de sua carreira como designer de moda, os compartilha com alunos e parceiros de trabalho, para que eles próprios manifestem suas mensagens e apresentem suas habilidades e criações, subvertendo parte de uma estrutura excludente, que menospreza ações de indivíduos ou grupos socialmente preteridos.

*Princípios nºs 5 e 7. Entendemos o papel do designer mais como um facilitador do que como um expert / Compartilhamos o conhecimento e as ferramentas do design com nossas comunidades.* Estes parâmetros estão mais ligados à atuação do designer do que aos desdobramentos de um projeto. Artigas afirma que entende o papel do condutor Gustavo Silvestre como o de um curador, capaz de identificar os pontos de maior desenvoltura de cada aluno e encaminhar o aprendizado desses participantes, de acordo com as aptidões e interesses de cada um, respeitando tanto as limitações técnicas, quanto o repertório de referências apresentado por eles. Sobre sua trajetória pessoal, o designer relata ter encontrado no crochê uma ferramenta de autonomia para seu próprio trabalho, bem como uma maneira de lidar com o tempo de forma afirmativa, no contexto acelerado da moda. Desta forma, buscou oferecer aos detentos interessados no *Projeto* essa mesma possibilidade, ao compartilhar técnica e criativamente a habilidade do crochê e a execução de peças de roupas e acessórios.

Ao se dispor a uma escuta sensível para compreender necessidades e histórias de vida dos encarcerados, como a ocupação do tempo, a necessidade de acolhimento após o cumprimento da pena, entre outras, Silvestre identificou em seu próprio trabalho como designer de moda e artesão uma ferramenta potente a ser dividida com o grupo. Estas estratégias permitiram a subversão, ainda que parcial, algumas das estruturas de opressão vividas cotidianamente, ou após a saída do espaço prisional.

*Princípio nº 6. Acreditamos que todo mundo é expert em algo de acordo com suas próprias experiências, e que todos temos contribuições brilhantes e únicas para dar a um processo projetual em design.* A última premissa do *Design Justice* tomada como lente para as articulações está ligada à observação da dinâmica de autonomia e confiança entre participantes e designer, que os registros sobre o *Projeto* e as falas da cineasta Laura Artigas apontam. Apesar do *Ponto Firme* ter sido idealizado por Silvestre, que também é o tutor dos cursos oferecidos dentro e fora da penitenciária, as ações junto ao grupo apontam para uma dinâmica de autonomia e confiança entre participantes e designer. A coleta de dados e a pesquisa documental revelam a liberdade que os alunos encontram para contribuir com ideias que acabam por se explicitadas nas peças desfiladas. Eles exploram histórias e

referências pessoais, testam diferentes caminhos que melhor se adequem às suas aptidões individuais, apresentam ideias particulares nas criações e, independentemente do nível técnico de cada um, as contribuições de natureza criativa são tão valorizadas quanto a boa execução técnica do crochê. Para além da coleção SPFWN45 (2018), apresentada no item 2.1, um outro exemplo de presença das ideias é o desenvolvimento da coleção apresentada na 51ª edição da SPFW (2021). Esta coleção partiu do trabalho autoral do aluno Anderson Figueiredo, que, antes de entrar no projeto, já tinha conhecimento de outras técnicas, como a escultura em madeira. Isto permitiu que ele avançasse em seu próprio ritmo e produzisse novas peças, com outras técnicas, além do crochê. Figueiredo é o primeiro egresso entre os participantes do *Projeto*, e as peças retratadas nas Figuras 9 e 10 deram origem a toda a coleção apresentada em 2021.

O esforço coletivo pela revelação de talentos e de interesses diversos no desenvolvimento das peças aponta para a colaboração equilibrada no Ponto Firme. O conhecimento do designer Gustavo Silvestre ocupa um espaço horizontal. Ali, as contribuições dos participantes que chegam ao projeto com pouco ou nenhum conhecimento de artesanato e de design de moda, entretanto com bagagens pessoais de outras naturezas, passam a funcionar como elementos construtivos das coleções. Além disso, Silvestre demonstra estar atento e, mais do que isso, disposto a priorizar a aptidão individual de cada participante, permitindo que cada aluno se desenvolva em seu próprio ritmo e de acordo com o tipo de produção que mais desperta interesse.

## 5. Considerações finais



FIGURA 5. 5a: Modelo segura máscara criada por Anderson Figueiredo na vídeo-performance apresentada na SPFWN51. Fonte: Vogue. Foto: Marina Sapienza. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/desfiles-moda/noticia/2021/06/ponto-firme-sao-paulo-n51.html>>. 5b: Modelo usa máscara criada por

Anderson Figueiredo na vídeo-performance apresentada na SPFWN51. Fonte: TOPVIEW. Foto: Marina Sapienza. Disponível em: <<https://topview.com.br/fashion/spfw-ponto-firme-apresenta-colecao-que-propoe-a-sustentabilidade-e-o-reaproveitamento-na-moda/>>.

Dentre inúmeros exemplos de projetos transversais entre design e artesanato, o estudo do *Projeto Ponto Firme* colabora para apresentar processos projetuais nos quais os modos de fazer do designer não definem os modos de fazer dos alunos, mas se entrecruzam.

Em relação às ferramentas projetuais, é possível entender que não se sobrepõem ao ritmo e à lógica de produção do artesanato, mas se entrelaçam. No caso das peças que compõem cada coleção, fica visível que derivam de uma construção orgânica e coletiva, tecida por uma trama de referências criativas, técnicas diversas e ideias múltiplas: uma rede tridimensional. Nesse sentido, é possível visualizar aspectos para além das estruturas horizontais e/ou verticais, de forma que as peculiaridades se afirmem e as hierarquias se dissipem, gerando uma espécie de rizoma vivo e em constante crescimento.

Um ponto de destaque que vale ser mencionado neste artigo é que grande parte da pesquisa que o gerou aconteceu durante os períodos mais severos da pandemia de Covid-19, o que restringiu as possibilidades de observação participativa do *Projeto Ponto Firme* e direcionou a escolha das entrevistas como principal estratégia de pesquisa. Entretanto, apenas a entrevista com a diretora Laura Artigas foi concretizada, já que a conciliação de agendas com o designer e com egressos não foi possível. O motivo para tamanho conflito de disponibilidade acabou por também ser compreendido como um elemento importante para a observação: o *Ponto Firme* é uma iniciativa que não conta com grandes investimentos, tampouco com uma equipe numerosa, o que significa que a maior parte da operação é de responsabilidade de Gustavo Silvestre. Essa é uma realidade exposta por ele desde o início da sua atuação com o *Projeto*, registrada em trechos do documentário nos quais ele discorre sobre a dificuldade de tocar todas as etapas do projeto.

O acúmulo de funções derivado da falta de apoio e de recursos enfrentado por designers que optam por trabalhar com populações vulneráveis, ou questionar a estrutura vigente do campo não deixa de ser um caminho para se pensar a prática do design em contextos contra-hegemônicos. A percepção sobre as condições que cercam a atuação de Silvestre neste projeto também cumpre o papel de demonstrar o alinhamento dessa iniciativa com os elementos construtivos deste artigo.

O conceito de *autonomía*, por exemplo, se mostra pertinente para ressaltar que Silvestre e os alunos do *Ponto Firme* atuam de acordo com as possibilidades que os cercam, operando por meio de uma dinâmica própria que prioriza o acolhimento de populações vulneráveis, a ressocialização de



egressos do sistema prisional e uma produção de ritmo e técnicas artesanais que respeita o desenvolvimento individual de cada aluno, mesmo que tais prioridades afastem a iniciativa dos privilégios alcançados por propostas e profissionais mais alinhados com os interesses industriais.

Por fim, além dos desdobramentos diretos do projeto, abordados ao longo deste artigo, as articulações podem contribuir para ampliar a presença de trabalhos como o de Gustavo Silvestre e dos alunos do *Projeto Ponto Firme* em espaços majoritariamente ocupados e controlados por aqueles que optam por ignorar a potência criativa de grupos socialmente excluídos, produzindo brechas para que outros grupos silenciados possam também acessá-los.

## Referências

ALONSO, Maria Rita. Projeto Ponto Firme, feito por detentos, traz questão sócio-política ao SPFW. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,projeto-ponto-firme-feito-por-detentos-causa-comocao-na-spfw,70002278624>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ARTIGAS, Laura. **O PONTO FIRME (THE FIRM STITCH)**. Brasil: BR153 Filmes, 2018.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida para a dissertação **Transversalidade em Design de Moda e Artesanato: Tramas do Projeto Ponto Firme**. Dissertação de Mestrado. PPG Design. Universidade Anhembi Morumbi (SP), 2022.

BORGES, Adélia. **Design e artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BROWN, Mano. Vida Loka (parte I). In: **Nada como um Dia após o Outro Dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/64916/>. Acesso em: 19 abr. 2023

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. 1. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2000. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/uma-introducao-a-historia-do-design-462>. Acesso em: 19 abr. 2023.

COSTANZA-SHOCK, Sasha. **Design Justice: Community-Led Practices to Build the Worlds We Need**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2020. v. 148

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.

GRAÇA, Luisa. A inspiração e as histórias por trás do emocionante desfile do projeto Ponto Firme. *FFW*, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/noticias/moda/a-inspiracao-e-as-historias-por-tras-do-emocionante-desfile-do-projeto-ponto-firme/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

GUATTARI, Félix. A Transversalidade. In: **ROLNIK, S. (Org.). Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981. v. 88–105. Disponível em: <https://filopol.milharal.org/files/2015/05/GUATTARI-F.-Revolu%C3%A7%C3%A3o-molecular.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 263–280, 2013. DOI: 10.1590/s1984-02922013000200004.

**LaDA Live 6 – Da relação com “os outros” a outros designs.** [Loucação de]: Raquel Noronha; Zoy Anastassakis. Rio de Janeiro: Laboratório de Design e Antropologia da ESDI/UERJ, 24 set. 2021. LaDAcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2tm5KZ9vlOQ924hjWiqdTp?si=kZXchajGScGQrnkTnJ125Q>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: **E. LANDER (org.), A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 33–49.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil: origens e instalação**. 4. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2007.

NORONHA, Raquel. O designer orgânico: reflexões sobre a produção do conhecimento entre designers e louceiras em Itamatatua – MA. In: **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 277–294. DOI: 10.5151/9788580392661-22.

\_\_\_\_\_. **The collaborative turn: Challenges and limits on the construction of a common plan and on autonomía in design**. *Strategic Design Research Journal*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 125–135, 2018. DOI: 10.4013/sdrj.2018.112.08.

OSMO, Alan. O Testemunho Do Massacre Do Carandiru Feito Por Jocenir E Mano Brown. *In: REVISTA DO SETA* 2018, Campinas, São Paulo. Anais [...]. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2018. p. 340–354.

PINTO, Kleber. **Gustavo Silvestre: trabalho reconhecido sem perder a identidade.**

EGO – Portal de Notícias da Globo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL317581-9798,00-GUSTAVO+SILVESTRE+TRABALHO+RECONHECIDO+SEM+PERDER+A+IDENTIDADE.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SILVESTRE, Gustavo. *In: II CONGRESSO ARTES-MANUAIS NA ACADEMIA – CROCHÊ COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL*. Brasil: Nina Veiga Atelier de Educação, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cpET2PKjV2Q&ab\\_channel=NinaVeiga](https://www.youtube.com/watch?v=cpET2PKjV2Q&ab_channel=NinaVeiga). Acesso em: 19 abr. 2023.

YAHN, Camila. Assista em primeira mão ao trailer do documentário O Ponto Firme, de Laura Artigas. *FFW, [S. l.]*, 2020. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/noticias/cinema/assista-em-primeira-mao-ao-trailer-do-documentario-ponto-firme-de-laura-artigas/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

---

#### Como referenciar

ISIDORO, Mayã Guimarães; MESQUITA, Cristiane. Tramas do Projeto Ponto Firme: vulnerabilidade social e transversalidade em design. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 92-113, jul./2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

---

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2023.73236>

---



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 06/02/2023 | Aceito em 04/05/2023